



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Bloco 3

Corpos dissidentes na produção de outras territorialidades: entre a casa, a rua e o palco

Arte, Cidade e Coletividade

**Reflexões Acerca do Coletivo Urbano
Salve Rainha, em Teresina/PI
(2014-2018)**

Alexandre Pajeú Moura

Universidade Federal da Bahia

Arte, Cidade e Coletividade: Reflexões Acerca do Coletivo Urbano Salve Rainha, em Tererina/PI (2014-2018)

Resumo:

O texto é a transcrição da fala do autor na Mesa "Coletivos LGBTQIA+ e a ocupação da cidade", do Colóquio *Cidades Sexuadas*. Alexandre Pajeú Moura investiga a atuação de coletivos artísticos e urbanos no Brasil, concentrando-se no grupo Salve Rainha, que operou em Teresina entre 2014 e 2018. O autor descreve como esses agrupamentos utilizam a arte e ocupações táticas para reivindicar espaços públicos negligenciados e promover novas formas de vivenciar a cidade.

Palavras-chave: Coletivos urbanos; Salve Rainha; Cidade; Espaço público.

Arte, Ciudad y Colectividad: Reflexiones Acerca del Colectivo Urbano Salve Rainha, en Teresina/PI (2024-2018)

Resumen:

El texto es la transcripción de la intervención del autor en la mesa "Colectivos LGBTQIA+ y la ocupación de la ciudad", del Coloquio *Cidades Sexuadas*. Alexandre Pajeú Moura investiga la actuación de colectivos artísticos y urbanos en Brasil, centrándose en el grupo Salve Rainha, que actuó en Teresina entre 2014 y 2018. El autor describe cómo estos agrupamientos utilizan el arte y las ocupaciones tácticas para reivindicar espacios públicos desatendidos y promover nuevas formas de vivir la ciudad.

Palabras clave: Colectivos urbanos; Salve Rainha; Ciudad; Espacio público.

Art, City and Collectivity: Reflections on the Urban Collective Salve Rainha, in Teresina/PI (2014-2018)

Abstract:

The text is a transcription of the author's talk at the panel "LGBTQIA+ Collectives and the Occupation of the City," part of the *Cidades Sexuadas* Colloquium. Alexandre Pajeú Moura examines the activities of artistic and urban collectives in Brazil, focusing on the group Salve Rainha, which operated in Teresina between 2014 and 2018. The author describes how these groups use art and tactical occupations to reclaim neglected public spaces and promote new ways of experiencing the city.

Keywords: Urban collectives; Salve Rainha; City; Public space.

Estou muito feliz com essa oportunidade de falar um pouco sobre tal temática, que particularmente já venho me debruçando desde 2019, mas que vinha me atravessando de maneira até mesmo despercebida em anos anteriores. No ano de 2019, começou a fazer um certo sentido, particularmente, entender um pouco essa dimensão dos coletivos artísticos, dos coletivos urbanos ou apenas coletivos. A gente vai falar um pouco sobre isso. Principalmente na minha cidade. Eu falo de Teresina, no Piauí; eu sou de Teresina, convivi naquela cidade até 2019 — ainda vou e volto sempre; não deixo essa referência passar. E, nesse sentido, atualmente, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU/UFBA), me debruço um pouco sobre essa temática, junto aos grupos de pesquisa, inclusive na experiência atual como professor substituto da Faculdade de Arquitetura (FAUFBA). Então, esse atravessamento é bastante importante na minha formação enquanto arquiteto e urbanista, mas, para além disso, entendendo como a dimensão urbana coletiva atravessa o nosso dia a dia e como ela já é um fragmento de memória extremamente potente para a gente pensar a dimensão da cidade.

Desde já, agradeço muito a oportunidade atribuída a mim, mas, particularmente, a oportunidade de estar junto dessas pessoas que estão aqui ao meu lado. E como que esse pequeno grupo fala de muitas outras pessoas. E essa dimensão é bastante importante para a gente frisar quando se pensa na dimensão de coletivos. Nesse sentido, eu inicio um pouco dessa apresentação. Na verdade, é uma apresentação que de fato eu até brinco com os meus orientadores que eu gosto de ter uma fala que às vezes eu começo a ler, mas nesse sentido eu vou fazer uma introdução sobre essa temática para a gente pensar o que vamos discutir nesta tarde, aqui trazendo essa dimensão dos “coletivos urbanos” — mas simplesmente “coletivos”, coletivos que tem multilinguagens, multiformas de lidar... e as experiências desses sujeitos na cidade — que é extremamente importante para a gente discutir hoje. E, para começar, eu trago uma imagem muito interessante que tem uma relação muito forte comigo. É uma imagem que diz um pouco sobre o meu lugar, sobre Teresina, e traz a expressão “Que diabo é isso?”. Afinal, o que é coletivo, o que são esses coletivos ou o que é, afinal, essa ideia de coletivo? Que diabo é isso?

Então existe um certo distanciamento das pessoas no geral, mas a palavra coletivo é muito recorrente, se a gente for parar para pensar.

Nesse sentido, essa imagem, ela é muito importante, tanto para a gente conversar hoje à tarde, mas também na dimensão da pesquisa que a gente vem se debruçando ao longo desse período.

Entender a cidade como espaço de disputas, negociações, é uma característica importante no processo de reflexão acerca dos modos de produção da contemporaneidade. Então essas práticas, ações e articulações propostas nos espaços públicos das cidades evidenciam, na verdade, as constantes transformações das demandas sociais e de seus habitantes. Os coletivos estão aí nesse diálogo entre espaço público, arte e o processo de produção das cidades. Se os coletivos vão ser entendidos no meu modo de concepção e pelas minhas aproximações epistemológicas enquanto agrupamentos de artistas multidisciplinares que ajudam na articulação coletiva, conjunta, criativa e não hierárquica — que é uma forma muito importante da gente pensar o que são esses coletivos no contexto brasileiro, principalmente —, então é possível refletir sobre possibilidades de críticas ao sistema da arte, bem como suas estratégias e negociações para confrontar seus respectivos contextos urbanos. E a gente consegue ver isso tanto no meu caso, da pesquisa em Teresina, no Piauí, quanto aqui em Salvador/BA. A gente vê como esses coletivos estão tensionando muito essa dimensão na cidade.

As discussões acerca dos coletivos artísticos, embora sejam recorrentes no início do século XXI, agora que a gente pode pensar sobre. Eu trago esse fragmento aqui, que foi uma matéria que em 2002, se eu não me engano, vai falar sobre a explosão do artivismo. No início dos anos 2000, a gente teve ali um momento talvez de modificação, de visibilidade, talvez, dessa ideia de arte, espaço público, artivismo, coletivo... Temos neste momento, uma precipitação de vários conceitos que estão se consolidando ou que estão sendo talvez visibilizados naquele momento.

Em certa medida, pensar esses agrupamentos que tensionam possibilidades artísticas naquele momento foi apresentado como um suposto fenômeno mundial que já não se apresenta como uma novidade. Se a gente for parar para ver um pouco sobre a história da Arte, um pouco da história das cidades, em certa medida, eles já estavam ali. Nesse sentido, eu mobilizo muito um autor, o Ricardo Rosas (2005), que foi um dos primeiros autores a articular um pouco sobre essa dimensão de coletivos e o espaço da cidade. Muito na ideia de rizoma, mas, para além disso, entendendo como essa ideia de rede é extremamente importante naquele contexto, algo que também me pareceu bastante potente na contemporaneidade. Então, naquele momento, a gente via no início do século XXI, uma certa mídia que vai trazer a imagem desses coletivos, mobilizando também a ideia de arte e espaço da cidade.

Outros autores que eu mobilizei na pesquisa vão levantando reflexões sobre o caráter estrutural dos coletivos. A partir daí, eu recorro à historiografia para ver onde estavam alguns fragmentos desses coletivos ao longo da história — nesta apresentação, como foco na história brasileira. No final da década de 1970, quando a gente começa a ter

alguns coletivos que vão se debruçar sobre o espaço da cidade, em especial cidades do eixo Rio-São Paulo, mas existiram outras articulações semelhantes. Muitos grupos do campo das artes visuais que vão discutir e tensionar a dimensão urbana são desse momento: o grupo *Manga Rosa*, *Tupinãodá* e o *3nós3*; que vão começar a articular proposições artísticas no espaço das cidades, tendo uma dimensão muito voltada para o campo das artes visuais. Foi um momento em que a gente começou a ver muito bem essa ideia, da década de 1970, da arte sair do museu e expandir para a cidade como espaço de criação.

Além disso, esses grupos, no contexto brasileiro, vão se debruçar sobre a ditadura civil-militar, a partir de 1964 — mas é na década de 1970, principalmente, que a gente vê essa relação mais forte, e eles vão tensionar de dentro. Se a gente parar para pensar, podemos olhar para essa década como um marco extremamente importante, não só como o período em que a ditadura “reinou”, digamos assim, mas também como um lugar de extrema potência, se revisitado com outro olhar.

Esses grupos estão aí nesse momento: o *Viajou Sem Passaporte*, o *3nós3*, o *Tupinãodá*, entre outros, que vão se debruçar sobre os espaços da cidade. Eu, particularmente, acho muito interessante a articulação do coletivo *3nós3*, que na década de 1980 vai tensionar a ditadura, a violência, e todos os fatos daquele período, a partir de gestos no espaço urbano, no caso, na cidade de São Paulo.

Avançando um pouco para os anos 2000 — porque, entre os anos 1990 e 2000, a gente tem esse boom dos coletivos, muito por conta da visibilização deles —, alguns nomes são recorrentes, como o grupo *Poro*, que vai se destacar nos anos 2000, articulado pela dupla Marcelo Terça-Nada e Brígida Campbell. Eles atuam em Belo Horizonte provocando tensionamentos acerca de como rever esse gesto sensível nas cidades. Muita produção vai surgir a partir daí, nesse lugar.

Chegando em Salvador, vejo também grupos que bebem dessas fontes, como o GIA (Grupo de Interferência Ambiental), que tem um aspecto coletivo muito forte, com articulações no espaço urbano. Eles tensionam características muito singulares e a gente vai discutindo as questões urbanas. E é isso que me interessa nesse contexto: entender a produção da cidade, do urbano, nessas manifestações via coletivos nos espaços urbanos.

Na proposta da minha pesquisa, me debruço sobre um coletivo da minha cidade que atuou entre 2014 e 2018. Como falei, sou orientado pela professora Junia Mortimer e coorientado pelo professor Eduardo Rocha, sendo atravessado por duas pesquisas co-

letivas que têm esse tensionamento, tanto pela questão das imagens quanto pelos corpos dissidentes — ou aquilo que a gente entende como dissidência — e isso permite uma articulação que conflui para o debate proposto aqui

O coletivo Salve Rainha era formado por um grupo de jovens entre 20 e 30 anos que atuava na cidade de Teresina, no Piauí, nesse período. Segundo seu idealizador, o coletivo era uma “tecnologia social de valorização do patrimônio cultural” (Júnior, 2015, n/p) e organizava uma série de atividades voltadas à criação de espaços de liberdade aos finais de semana, em particular aos domingos. E aí vem a pergunta: o que é o domingo na cidade? O que significa o domingo em Teresina, onde as opções de cultura e entretenimento são tão escassas?

Esses jovens, cerca de 30 integrantes — entre fixos e colaboradores pontuais —, estruturavam ações para tensionar a dimensão urbana. Essa é a visão que tenho hoje. E também tem a questão das redes sociais: a partir dos anos 2010, com a expansão do acesso à internet, a gente começa a se aproximar mais dessas tecnologias. Em 2014, em Teresina, isso também atravessava meu corpo, numa vivência despretenhosa. Na época, eu era só um jovem aproveitando o que o coletivo oferecia.

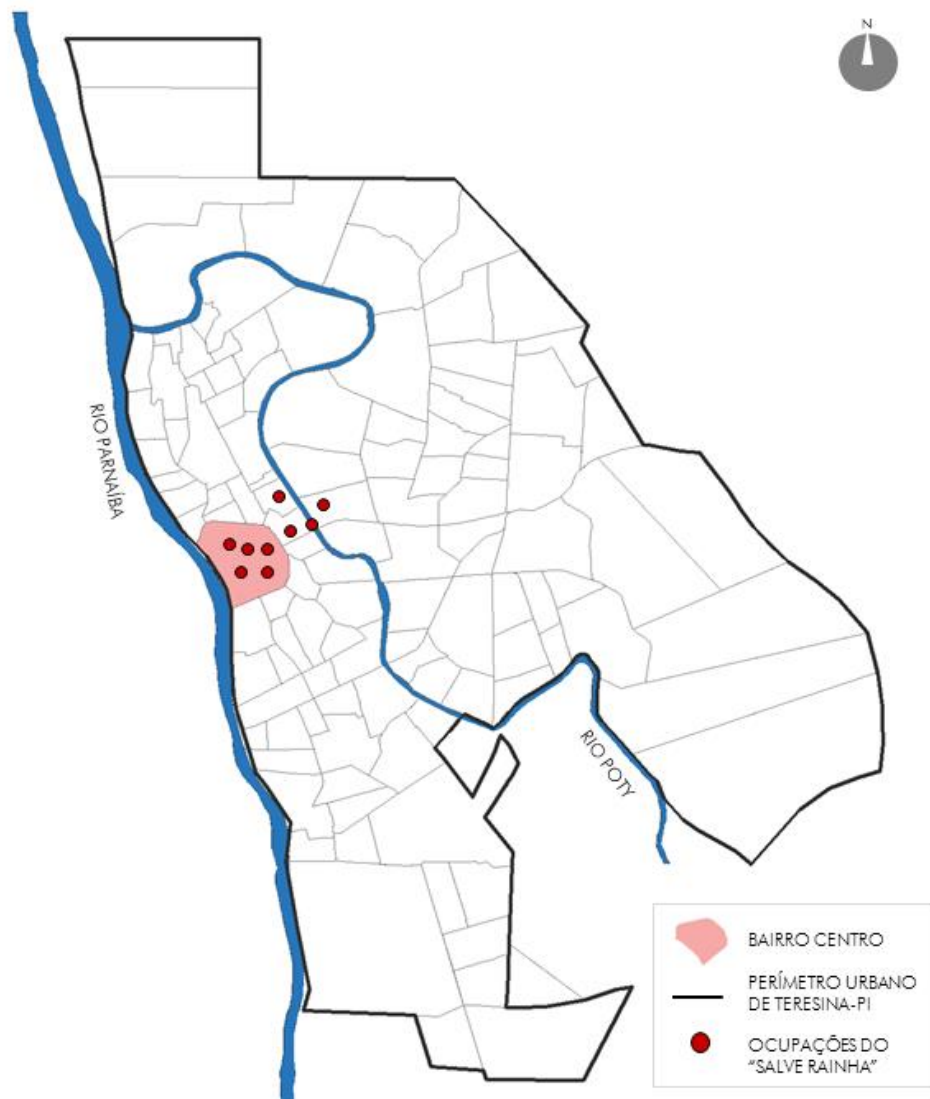
Eles organizavam temporadas temáticas, com ensaios a cada domingo — e a cada domingo, uma nova rainha. E aí vem a pergunta: por que Salve Rainha? Eles tensionavam muito essa ideia. Tinha uma relação forte com alguns dos sujeitos que criaram o grupo, mas também com o nome da cidade: Teresina, que faz referência a uma rainha. Por um lado, há uma dimensão colonialista, ligada ao poder — Tereza Cristina — mas Francisco das Chagas Júnior, um dos principais articuladores, provocava isso com sua própria história, com a figura da mãe, e com a ideia de uma cidade mulher, uma cidade menina, que poderia fabular outros modos de pensar.

O coletivo nasce daí, tensionando os espaços da cidade. E aí entra uma dimensão interessante: eles se diziam ocupações. Mas o que é ocupar essa cidade? Havia uma rede de negociações com os espaços, com gestores, com instituições privadas. Em alguma medida, percebemos que era uma atuação “arteira”, tática, estratégica — pensando como ocupar esses lugares para jovens que estavam começando no mercado de trabalho, ainda na faculdade ou entrando nela, tentando tensionar uma cidade pensada por outros sujeitos.

O coletivo estruturou ocupações em prédios públicos, praças, ruas e até espaços improváveis — como debaixo da ponte. O que se pode fazer debaixo de uma ponte? Eles tinham essa ideia de ocupar e aproximar, trazendo eventos dominicais. Pode soar engraçado, mas fazia muito sentido para aquela cidade.

Esses fragmentos são importantes para a gente pensar em como eram narrados e como eram vistos pela sociedade. Se por um lado pareciam ser bem aceitos, por outro havia negociações complexas, não autorizações, até aversão à existência desses sujeitos. E mais: aos sujeitos que eles mobilizavam numa cidade como Teresina. Uma cidade que, como tantas outras, negligencia as margens, as periferias e os públicos que se mobilizam por uma opção de entretenimento gratuito aos domingos, em espaços centrais da capital. E aqui eu trago um pouco de onde eles ocuparam. Essas “ocupações” de que eu falo são pela fala deles, pelo modo como eles lidavam e nomeavam esses eventos, como “ocupações”. Tem uma dimensão aí muito importante para a gente pensar.

Figura 1. Mapa de localização das principais ocupações do coletivo Salve Rainha, em Teresina/PI. Fonte: Alexandre Pajeú Moura, 2020.



Esse é o mapa de Teresina (ver Figura 1), uma região atravessada por dois rios: o Parnaíba e o Poty. Essa área em vermelho era onde eles ocupavam com mais frequência. Os pontinhos vermelhos mais afastados também foram áreas que eles conseguiram ocupar, ainda que com menos recorrência. Mas dá para observar uma certa centralidade nessas ocupações. E essa centralidade levanta algumas questões: por que essa área especificamente? Por que o bairro Centro? E o que poderia estar além do Centro que eles não conseguiram ocupar?

Por outro lado, nessa área eles conseguiam atrair pessoas de outras partes da cidade para uma centralidade que, até então, era pouco estabelecida. Aqui estão alguns cartazes usados pelo coletivo para divulgar os eventos nas redes sociais (ver: Figura 2). As redes tiveram um papel fundamental na articulação dos trabalhos do grupo. Havia uma dimensão visual muito forte, que era compartilhada constantemente nas redes deles.

Figura 2. Cartazes de divulgação dos eventos organizados pelo Salve Rainha. Fonte: Redes sociais do Coletivo Salve Rainha.



Agora vou mostrar algumas imagens — fotografias dos membros do grupo. Eles tinham uma preocupação grande em estabelecer relações com a cidade. Ao fundo, por exemplo, aparece um afresco do artista local Nonato da Silva (ver: Figura 3). Eles iam produzindo essas imagens numa cidade onde, em 2014, meninos de rua ainda eram vistos com muita estranheza. Então, eles apelavam a elementos que faziam referência à cidade e ocupavam os espaços a partir desse jogo, dessas negociações e de uma série de processos no espaço urbano de Teresina.

Figura 3. Parte dos integrantes do coletivo Salve Rainha em frente ao mural do artista Nonato da Silva, em Teresina/PI. Fonte: PORTAL O DIA, 2015.



Teve uma temporada no calçadão do Centro, outra numa rua climatizada... (ver: Figura 4) porque Teresina tem uma característica muito marcante. Não sei se vocês já ouviram falar, mas a gente chama de "Terehell", porque é muito quente. As médias de temperatura variam de 33°C a 37°C, e em alguns períodos — especialmente de agosto a dezembro — passam dos 42°C, tanto que existe um termo específico para esse período do ano: "B-R-O Bró". E uma das temporadas do grupo reivindicava justamente esse nome: as temporadas de B-R-O Bró. Além da Rua Climatizada, o grupo ocupou também o prédio da antiga Câmara Municipal de Teresina, que estava abandonada, mas que teve seu espaço reivindicado por eles.

Figura 4. Outras imagens de divulgação das ocupações do Salve Rainha debaixo da Ponte JK e na Rua Climatizada, em Teresina/PI. Fonte: Redes Sociais do Coletivo Salve Rainha.



Eles ocuparam também espaços como debaixo da Ponte JK (ver: Figura 4), que talvez tenha sido o que deu maior visibilidade às atividades. E ao ocupar esse lugar, conseguiram tensionar questões muito caras à cidade. Outro espaço que eles ocuparam foi o Sanatório Meduna (ver: Figura 5), um lugar bastante complexo por várias razões. Era um sanatório público que se encontrava abandonado e, ao levarem uma temporada de Carnaval para lá, mobilizaram uma série de histórias e memórias. Um campo fértil de questões para a gente pensar sobre o que fazer com espaços como esse, voltados ao patrimônio público. E afinal, o que é o patrimônio na cidade de Teresina?

Figura 5. Evento de ocupação do Sanatório Meduna, organizado pelo Salve Rainha em 2017. Fonte: Redes Sociais do Coletivo Salve Rainha (Fotógrafo: João Albert)



Esse prédio do sanatório Meduna é da década de 1950 e ainda carregava práticas manicomiais, logo essa ocupação foi extremamente potente para pensar sobre a história cotidiana de Teresina. Eles pensaram nisso diante da realidade de uma cidade nordestina que, infelizmente, é uma das capitais com o maior índice de suicídio do Brasil.

Infelizmente, em 2016, o principal membro que conduzia o grupo sofreu um acidente e faleceu. A partir daí, o coletivo começou a passar por um processo de desgaste até o seu encerramento em 2018. Em 2017, o espaço debaixo da ponte foi requalificado — essa palavra é complexa, mas me parece que faz sentido nesse momento. A requalificação foi, em parte, forçada pela morte desse membro, o líder do grupo. A partir daí começa esse processo de transformação daquele espaço em uma praça pública com equipamentos básicos.

Então, minha pesquisa está nesse campo de possibilidades metodológicas: pensar as dimensões do espaço, do corpo e do tempo a partir da experiência e da prática coletiva do Salve Rainha em Teresina. E para além desse grupo, observo como a ideia de coletividade vai se moldando ao longo da história, se aproximando das questões contemporâneas. Se em 2014 algumas questões evocadas pelo coletivo foram extremamente importantes, em conversas com grupos mais recentes de Teresina, os “meninos de saia” sempre falam da experiência do Salve Rainha como uma fagulha — algo que começou ali, mas que foi interrompido, talvez por conta da perda desse integrante.

Algumas perguntas que emergiram nesse processo foram: que cidades são essas que habitamos? Qual o nosso olhar sobre elas? Como estamos construindo nossas cidades? Como podemos imaginar novas possibilidades para o espaço urbano? Esse jogo de palavras me parece potente para a gente pensar sobre a dimensão dos coletivos nas cidades brasileiras. Esse modo de fazer coletivo me parece extremamente relevante para pensar a história das nossas cidades e do nosso tempo. Sempre lembrando que há uma série de conexões sendo tecidas entre a história das artes e a história das cidades, que revelam como esses coletivos estão reivindicando interesses públicos latentes, ocupando os espaços, trazendo visibilidade a esses lugares e construindo novas narrativas.

Referências

JUNIOR, Francisco das Chagas de Araújo Costa. **Salve Rainha ocupa espaços urbanos em Teresina**. Teresina: Legislativo TV, 2015. 1 vídeo (2m15s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Hi1G4MewR6o>. Acesso em 10 abr. 2022.

PORTAL O DIA. Coletivo Salve Rainha faz da rua o maior palco da arte em Teresina. **Portal O Dia**, Teresina, 2 maio 2015. Disponível em <https://portalodia.com/noticias/piaui/coletivo-salve-rainha-faz-da-rua-o-maior-palco-da-arte-em-teresina-232526.html>. Acesso em 5 ago 2021.

ROSAS, Ricardo. Notas sobre o coletivismo artístico no Brasil. **RUA**, Campinas, v. 12, n. 1, 2005, pp. 27-35.

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v15i0.74467

Como citar: MOURA, Alexandre Pajeú. Arte, Cidade e Coletividade: Reflexões Acerca do Coletivo Urbano Salve Rainha, em Teresina/PI (2014-2018). **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 118-130, 2026.



FAUFBA



**PPG-AU
FAUFBA**

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL